

A ÁGUA E OS RIOS: IMAGENS E IMAGINÁRIO DA NATUREZA THE WATER AND THE RIVERS: IMAGES AND IMAGINARY OF NATURE

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti¹
Jorge Chiapetti²

RESUMO

A água é um elemento da natureza que sustenta a vida e tem muitos significados, por isso pode nos fazer refletir sobre seus aspectos materiais e imaginários. Ela exerce um fascínio em nós, a quem pode seduzir com seus significados e sua beleza, encantando nosso imaginário. Especialmente para um poeta, a água alimenta o corpo, a alma e o seu imaginário, produzindo imagens da natureza. Assim, convidamos-lhe a entrar neste texto para refletir, primeiro sobre a imagem e o imaginário da água... da água de rios... e de rios... e, depois, sobre imagens do rio das Contas, do qual fizemos uma reflexão através das águas de seu leito e das suas margens, iniciando com o imaginário da sua nomenclatura antiga e atual, passando por suas diversas imagens até chegar ao seu destino... o mar do Oceano Atlântico.

Palavras-chave: Água. Rios. Imagens. Imaginário. Rio das Contas.

1 Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
jaque@uesc.br.

✉ Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Colegiado de Geografia. Km 16, Rodovia Ilhéus/Itabuna, Salobrinho. 45650-000. Ilhéus, BA.

2 Professor de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
chiapeti@uesc.br.

ABSTRACT

Water is an element of nature which sustains life and has many meanings, and for this reason can lead us to reflect on its material and imaginary aspects. It holds fascination to us, and can seduce with its meanings and beauty, charming our imagination. Especially for a poet, water feeds the body, soul and imagination, producing imaginaries of nature. Thus, we invite you to enter in this text to reflect first on the image and imaginary of water... the water of rivers... and the rivers... and then on the images of the Contas river, over which we reflect through the waters of its channel and margins, beginning with the imaginary over its old and current name, going through several images to reach its destiny... the sea of the Atlantic Ocean.

Key-words: Water. Rivers. Images. Imaginary. Contas River.

IMAGENS DA ÁGUA... IMAGINÁRIO DA REALIDADE

A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza.

Gaston Bachelard

A água é uma das maiores valorizações do pensamento humano porque representa uma necessidade fundamental à vida, já que está na base de quase todas as atividades humanas. A Terra é um planeta de água!

O termo água refere-se ao elemento da natureza desvinculado de qualquer uso ou utilização, o que para Rebouças (2002) quer dizer que a água é um bem natural. Talvez, por ser da natureza, assim como nós seres humanos, ela tenha a “capacidade” (além de ser a base da vida) de nos fazer pensar... refletir... devanear... imaginar... uma imagem produzida pela nossa imaginação, por nosso espírito... mesmo que, segundo Lynch (1999), para criarmos uma imagem devemos ser capazes de transformar essa imagem, de modo a ajustá-la às nossas necessidades. Podemos dizer, então, que a imaginação contribui para as nossas imagens sobre o nosso ambiente, ou seja, tudo que vemos, ouvimos, cheiramos, sentimos, tateamos e construímos, enriquecendo nosso imaginário da realidade. E, como seres humanos que somos, temos necessidade de enriquecer nosso imaginário com as experiências que vivemos, registrando imagens e mais imagens em nosso imaginário.

Para Chiapetti e Gratão (2010, p. 284) “a imaginação ultrapassa a realidade, ela vê o invisível, ela vai ao fundo das coisas... a imagem só pode ser captada na medida em que tem todo o seu ser na imaginação”.

Lynch (1999, p. 7) também escreve que

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre observador e seu ambiente. Este último sugere

especificidades e relações, e o observador [...] seleciona, organiza e confere significados àquilo que vê [...]. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes.

Tuan (1980) afirma que a cultura influencia o processo de construção de uma imagem e, também, é parte dela, pois uma imagem sempre é carregada de valores e significados, principalmente, quando resgatamos lembranças de imagens representativas no nosso imaginário. E, para Bachelard (2005, p. 87), um filósofo e poeta das águas, já que o imaginário das águas o faz poeta, “a imagem extrai todo o seu ser da imaginação”, sendo resultado da imaginação absoluta.

Assim, neste texto, seguindo esta linha de pensamento, procuraremos fazer, primeiramente, uma reflexão sobre imagens de água e rios, já que são feitos de água ou, simplesmente, faremos um imaginário da água. Na segunda parte, trataremos especificamente de imagens e do imaginário do rio das Contas na Bahia, tentando ir por trás das imagens que se mostram às imagens que se ocultam. O reconhecimento deste imaginário contribui para uma melhor compreensão do rio e dos processos que (re)formulam suas imagens ou sua própria identidade. Segundo Chiapetti e Gratão (2010, p. 288), “falar do imaginário é falar da capacidade de criação, guardada no coração e na alma, que todos os seres humanos têm...”

ÁGUA... ÁGUA DE RIOS... E RIOS... IMAGENS E IMAGINÁRIO

A pele da água é o caminho do homem, a sua carne é a residência dos peixes.

Thiago de Mello

Segundo Cunha (2000, p. 15), a água... é “preche de significados, é um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos

aspectos, tanto materiais como imaginários. [...] é condição básica e vital para a reprodução” da vida humana e de outras formas de vida e, também, participa do mundo simbólico humano, juntando várias imagens e significados. Geralmente, as águas exercem um fascínio sobre as pessoas, seja pelo poder de sustentar a vida, seja pela possibilidade de refletir, seja pela capacidade de fazer deslizar, seja pelo seu movimento, seja pela sua calma, seja pelo seu destino certo.

Além de sustentar a vida, a água nos seduz com sua beleza, tanto no irromper das nascentes... no movimento dos rios... no cair da chuva... no jorrar de uma fonte... na calma dos lagos... quanto no vigor e vivacidade das cachoeiras, das corredeiras, dos estreitos dos rios... A água encanta nossos sentidos e reporta-nos à nossa essência, pois simboliza a pureza, o inconsciente, o imaginário, as emoções, os ciclos da vida.

Para Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 19), “a água simboliza a vida [...]. A água *primeira*, a água *nascente*, que brota da terra e da aurora branca, é feminina [...], terra grávida, de onde a água sai para que, desencadeada a fecundação, a germinação se faça” (Grifo do autor).

Esta valorização feminina da água doce dos rios, também existe em Bachelard (2002, p. 136-137): “um traço do seu caráter feminino: ela embala como uma mãe. [...] A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe”. A mãe que nos dá a vida, assim como a água convida-nos à vida, já que possibilita o sustento da vida: água para beber, para cultivar, para pescar, para lavar... Mas, também, “a água convida-nos à viagem imaginária”.

Gratão (2007, p. 61), citando o filósofo das imagens da água, Gaston Bachelard, escreve que “existe, sob as imagens superficiais da água, uma série de imagens cada vez mais profundas, cada vez mais tenazes [...]”, reconhecendo “na água, na substância da água, um tipo de

intimidade”, e que “a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação”. Afinal, para Bachelard (2002, p. 6), “a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser.

Segundo Cunha (2000, p. 16-17),

A água está, assim, na natureza e, a um só tempo, na cultura. Está nos mitos da história. Está no dia e na noite, nas estações do ano [...]. Está na vida dos amantes, nos encontros amorosos, nos beijos molhados, na dança dos corpos suados que se enlaçam e se fundem em ato de amor [...]. Está nas celebrações da vida e da morte, nas cerimônias de adeus, a água lágrima, no batismo, a água-benta para a purificação divina.

Mas, a água também é matéria e, ao mesmo tempo, imaginação... é substância e é sonhada, “assim concebida, a água é matéria e, por mais material que seja, embala os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se manifesta nas imagens e símbolos humanos, em seus atos, na morte e na vida: a água move e umedece o real (GRATÃO, 2007b, p. 52).

“Os artistas e os poetas a eternizam [a água] com deleites imaginantes de frescor e perfumes; reverenciam-na como ‘água azul’, ‘água loira’, límpida, translúcida, reluzente, água clara com sabor de mel, verdadeira, que alimenta o corpo e alma” (BERTOLOTO, 2006, p. 32).

Para muitos poetas, a água sempre surge em seus poemas, seja na forma de água de rios, lagoas, seja como um elemento volátil que se ajusta às formas, seja na forma de imagem ou imaginação criadora.

E a água dos rios...

A análise das águas dos rios permite desconstruir e reconstituir as relações entre as atividades antrópicas e o meio ambiente. A análise

físico-química de suas águas fornece uma visão estática, um retrato momentâneo da drenagem da sua bacia hidrográfica, expressa em índices e medidas de elementos físico-químicos em suas águas. A análise da biodiversidade encontrada nas águas de um rio permite identificar processos mais permanentes, na medida em que a sobrevivência e/ou o desenvolvimento de certos organismos vivos refletem as condições ambientais presentes no seu leito em períodos maiores.

Nas águas do rio, as pessoas vão desenhando suas histórias de vida... ou suas geografias... Assim escreveu Oliveira (2009, p. 15) em sua dissertação de mestrado sobre o rio São Francisco: “[...] esse rio, que é um acidente geográfico da natureza, configura a vida das pessoas, na arte, na musicalidade, nas suas tradições, com seus rituais e crenças. Nas águas do rio, homens e mulheres vão desenhando suas histórias de vida”.

“A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água. Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que se oferta cantando, água que se despenca em cachoeira, água que vai [...]” (MELLO, 1987, p. 22).

As águas de um rio, por suas características, permitem-nos navegar... passar... deslocar... viajar... e, ainda, dão prazer... felicidade... Um rio pode ser vivido por quem o percorre, por quem flui junto às suas águas que correm... Mas, um rio também está ligado ao seu fluir... ao movimento contínuo da sua corrente... e à segurança das suas margens por onde escorre... margens estas que separam, mesmo que seja uma separação só aparente, pois um rio pode delimitar, separar ou juntar, depende da nossa percepção. Como escreve Arbués (1997, p. 26), “no rio que banha dois lados, tudo se mistura numa coisa só. Não se sabe se a lavadeira que está desse lado nasceu cá ou lá, pois as águas e as tradições se confundem”.

Para Bachelard (2002), as águas dos rios, águas maternas, águas femininas, são comparadas com o amor de uma mãe, imensamente grande, eterno e projetado no infinito... assim, a natureza é para as pessoas. O elemento água é feminino e uniforme, simboliza as forças humanas mais escondidas, mais simples e significantes. A água é a linguagem contínua fluída, é o símbolo universal da vida de fecundidade e de fertilidade.

A água de um rio pode estar na água da poesia, no imaginário do poeta, de modo espontâneo, natural, como que fluindo levemente por entre as margens da terra. Para Ramos (1999, p. 147), “A água, para o poeta, é antes de tudo, [...] uma possibilidade de (re)nascimento, de renovação, de aprender a voltar e cumprir o ofício”. É o contato íntimo do poeta com a água do rio que alimenta a sua imaginação criadora, criando “uma imagem nem sempre reproduzida, muitas vezes, criada pelo devaneio... pela imaginação...” (CHIAPETTI; GRATÃO, 2010, p. 277).

A água é matéria e imaginação...

Assim concebida, a água é matéria, e, por mais material que seja, embala os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se manifesta nas imagens e símbolos humanos, em seus atos, na morte e na vida: a água move e umedece o real. Manifesta em atos e símbolos humanos, é substância, é água sonhada, é matéria, é imaginação! (GRATÃO, 2007b, p. 52).

E um rio...

Um rio é uma “corrente líquida resultante da concentração do lençol d’água num vale” (GUERRA, 1972, p. 369). Esta é uma definição técnica de rio. Mas, nós temos a intenção de traçar a nossa escrita de rio e de lançar nosso olhar em sua direção, tal qual Gratão (2007a, p. 96) em seu texto sobre o rio que se revela na voz dos personagens do lugar-Araguaia:

É por este sentido que, quando Dardel trata da existência e da realidade geográfica, entusiasma-nos pela abordagem poética que faz da geografia, e, mais ainda, quando revela o simbolismo aquático e a energia vital que vêm das águas, despertando-nos para as imagens e o sentido d'“O Rio”.

Como divisor, um rio é fronteira geográfica que pode separar pessoas, sítios, fazendas, bairros, cidades, municípios, estados e até países. Mas, ao mesmo tempo em que separa ou divide, um rio pode ser vetor de integração local, regional, estadual, nacional e até internacional. Segundo Oliveira (2009, p. 98), “nas duas margens do rio, o mundo realiza seu acontecer e os diferentes tempos das muitas vidas passavam. Sinto que ainda há muito de tristeza nessa poesia de beira de rio”.

O rio é um lugar que permite viajar... um lugar em movimento. “A sua natureza de correnteza possibilitou que os homens construíssem suas histórias de vida em seus espaços, num encontro de homens e águas que seguem juntos” (OLIVEIRA, 2009, p. 80).

Mas, o rio também tem sentido de travessia... caminho. Para Gandara (2007): “no sentido de travessia o rio é caminho, estrada, navegação, via fluvial [...]. O rio é, assim, uma individualidade viva, aglutinadora que nivela e aumenta [...], dispersa e fixa pessoas, escrevendo na face da terra [...] episódios de sua história física, social e cultural”. Como exemplo, colocamos o início da travessia de Lessa (2007, p. 99; 103-104), em sua pesquisa de campo no baixo São Francisco... o rio é caminho... uma parte da sua história, social e cultural! Esta é a imagem do seu Rio!

A travessia começa. Da janela vejo o Rio ainda com águas barrentas, reflexo da última cheia. Sentindo a velocidade da embarcação se alterar ao longo do percurso, observo que o ritmo da viagem é ditado pela natureza, a profundidade rege a orquestra do motor, o tempo é regido pelo próprio Rio, vê-se que

o tempo e o lugar do homem é o tempo e o lugar do Rio. Mais adiante um barco aportado no meio das águas – lembro-me rapidamente do conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, ali o ribeirinho parece ter encontrado um lugar. Apesar da imensidão das águas que avistamos, o Rio parece-nos acolher. [...]

Há muito tempo não observava um pôr do sol assim, o céu laranja, uma energia que ilumina dentro da alma. Todos os esforços desses últimos dois anos de pesquisa faziam sentido naquele momento. O Rio São Francisco é o lugar do meu encontro com a natureza e com as minhas lembranças de infância, desde as brincadeiras na foz até as feiras científicas no colégio.

Um rio guarda em si múltiplas possibilidades. Chora e sorri enquanto corre... corre com sua fluidez... lava e conduz os homens no seu dorso... ensina e aprende... guarda em si todos os mistérios da natureza... e, ainda, é de uma simplicidade sem par (SOUZA NETO, 1997).

À luz do olhar de Arbués (1997, p. 20), “O rio é mais alma, espírito, energia viajante, fugidia, buscando alguma coisa sempre. [...] No rio não se pega e não se sobe, pois ele nos recebe, nos molha e a água dele tirada acabará retornando a ele ou a outro rio, de alguma forma”.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 781),

[...] seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios.

Por isso, o rio é local de passagem, que permite viajar... uma viagem da vida, já que possibilita o sustento da vida.

E, para Gandara (2007), os rios são construtores de mundos sociais e aglutinam em torno de si uma boa quantidade de representações como “lugar de significação” que são. Servem de baliza ou marco quase míticos para estratégias socioculturais. Os rios significam muito mais do que simples suportes físicos ou acidentes geográficos traçados

nos mapas ou, ainda, recursos da natureza. Eles são paisagens... são lugares em que as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação da criação cultural, um encontro das pessoas. Como escreve Lessa (2007, p. 116): “o espaço do Rio é o lugar de muitos e a paisagem para todos”.

Os pequenos e os grandes rios tiveram um importante papel de protagonistas na conquista e colonização dos continentes e, depois, participando da agricultura e do comércio. Os rios guardam elementos muito distintos entre si e podem caracterizar lugares, servir de muitos modos para a produção de alimentos, abastecimento de água, via de transporte, fonte de energia hidrelétrica e, ainda, podem expressar muitos significados.

Algumas pessoas têm uma relação interessante com os rios, com os lagos, muitas vezes, transferindo para a sua água sentimentos de medo, sofrimento, dor, repulsa... como no exemplo de alguém que perde uma pessoa querida nas águas de um rio. Por outro lado, os rios têm a imagem da vida, ou a água de que necessitamos para viver. Portanto, os rios têm vida e nos proporcionam a vida, mas, também, podem tirar a nossa vida! Por isso, é preciso ouvir a sua voz, prestar atenção ao que eles dizem, assim podemos aprender com eles e não morrer através deles, pois os rios nunca têm culpa pelas nossas tristezas. Somos nós que não escutamos o seu recado.

Os rios matam a sede e a fome, lavam o corpo, lavam a roupa, levam as pessoas para muitos lugares... rio acima, rio abaixo... Essa relação das águas com a vida, com o mundo das sociedades é o resultado do longo processo histórico e cultural das relações entre as pessoas e o meio em que vivem.

Os rios representam um sistema indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre o meio e as pessoas. Os rios têm história. São vários os rios, como são várias as formas de

apropriação simbólica e material, ou seja: “o rio é um mar de signos. É preciso desvendá-lo” (SOUZA NETO, 1997, p. 63). Lessa (2007, p. 97) já o desvendou: definitivamente, o Rio somos nós mesmos e nós somos este rio no momento em que experienciamos toda a sua vitalidade.

Para Oliveira (2009, p. 19), a vida do rio vem a nós, em seu acontecer.

Quando olhamos para o rio, a beleza que nos chega aos olhos está na água que corre para o seu destino. Os nossos olhos fazem com que o rio e suas águas tornem-se espaços e cenários cheios de significados e logo eles interferem com as nossas paisagens interiores que, num remexer vivo, tocam nosso imaginário, ressignificando as nossas geografias interiores e exteriores a nós. Os lugares, as paisagens, os espaços se entrelaçam com a vida que vem do rio a nós, em seu acontecer.

Um rio é sempre um rio, mas o mundo vai mudando com o tempo... os rios também mudam, pois acompanham os períodos do crescimento populacional em regiões habitadas. Além do que, não podemos esquecer que os rios vão amadurecendo dentro de um tempo geológico, de um tempo todo seu. Mas, o processo de urbanização em suas margens acaba acelerando o assoreamento de seus leitos e poluindo suas águas, principalmente em áreas agricultáveis e dentro de perímetros urbanos.

Entre a ficção e a realidade, os rios sempre foram usados para muitos fins. Ao mesmo tempo, os rios são universais porque existem rios em todo lugar e, particulares, individualizados pela relação que os homens estabelecem histórica e culturalmente com eles. O que significa dizer que a cultura se esboça na água, naquilo que ela correntemente oferece (SOUZA NETO, 1997).

Os rios são vistos como elementos da organização espacial. As pessoas seguiram os cursos correntes de água ou foram conduzidas por eles, por toda parte. Através desses caminhos líquidos, o mundo foi povoado. Como falar da África e do Egito sem o Nilo, da Ásia e da

China sem o Yang-Tsé-Kiang e o Mekong, do Brasil sem o Amazonas ou, ainda, do nordeste brasileiro sem o São Francisco, de São Paulo sem o Tietê, de Recife sem o Capibaribe, de Paris sem o Sena, de Lisboa sem o Tejo, de Buenos Aires sem o Prata? Os rios são personagens feitos de água, como se fossem memórias vivas!

O rio com sua bacia hidrográfica, com suas nascentes e seus tributários, dá ideia de unidade, pois reúne os três elementos: terra, água e gente, todos vivendo/ convivendo/vivenciando um ao lado/ junto do/com o outro, com afetividade (ou não). Pessoas e demais elementos da natureza de mãos dadas! Gratão (2002, p. 48) escreve sobre isso:

Na percepção e na (con)vivência da – paisagem vivida –, o relacionamento do Homem com a natureza com “O Rio”, o indivíduo processa mentalmente as informações contidas e expressas nas paisagens d’ “O Rio” e a conduta vai se construindo, mediante o equilíbrio, a fluidez entre os fatores internos e os externos – entre os domínios interior e exterior – nesta conjunção de forças fluídas. O ritmo desta fluidez conduz ao entendimento do relacionamento do homem com a natureza. Como o homem se relaciona com o “O Rio” a partir dos valores e significados que ele tem, definindo relacionamentos diversos (Grifo do autor).

Oliveira (2009, p. 73) chega a refletir sobre a questão das pessoas em unidade com o rio, tendo “a sensação de que os homens sertanejos e barranqueiros são a continuação das águas, a continuação do rio [São Francisco]. O rio vivendo em forma de homem ou homens que são a memória das águas”.

E, como uma expressão de arte, como poetizar um rio? Ou, o que dizer de um rio, já que ele não é nada mais do que, simplesmente, um rio? A poesia é uma expressão de arte, portanto, promove um encontro de pessoas através da sua imagem, do imaginário que ela desperta. Poetizar é dizer aquilo que não poderia ser dito de outra maneira... é

buscar as palavras no silêncio... é tirar da imagem a inspiração para compor uma música, escrever uma poesia ou simplesmente imaginar! A imaginação é essencialmente aberta, evasiva... é a experiência da abertura, da novidade... graças ao imaginário! Também, para Gratão (2002, p. 79) “é preciso aprender com a ‘lente da arte’ e ampliar o conhecimento através do ‘olhar geográfico’”.

Toda expressão de arte pode ser uma maneira direta de comunicação entre as sociedades já que, neste caso, não existem barreiras entre as classes sociais e as diferentes culturas, podendo haver um diálogo, um encontro entre elas. Nesta perspectiva, para um poeta, para um artista, um rio é semelhante desde a nascente até a foz, mesmo que passe por diferentes culturas... levando muitas visões de mundo em suas águas... ele é sempre um rio... uma fonte de inspiração!

Assim, o poeta cria a sua poesia através da sua leitura de mundo, seduzido pelas metáforas, tão utilizadas neste tipo de arte. Bertoloto (2006, p. 76) discute essa questão, explicando que “a metáfora serve de mediadora, no sentido de aproximar as disparidades de significados”, que uma arte pode revelar. As palavras de uma poesia podem provocar o imaginário de quem lê, dando-lhe uma liberdade interpretativa, formando uma imagem.

O que é o rio

Marcos Siscar

O rio é uma ponte entre mundos distintos
é uma estrada deitada sobre o abismo
uma nascente a precipitar-se nas noites escuras
é o abismo sertão da própria vereda
refletindo o avesso de campos e matas
perturba o sossego de toda a natureza.

Com seu devaneio (sonho desperto), o poeta Marcos Siscar liga as pessoas a si mesmas, através da imagem do rio, criada por seu imaginário. Segundo Bertoloto (2006, p. 76), “o artista se utiliza das imagens para comunicar, de modo nem sempre explícito, as suas interpretações do cotidiano, num devido tempo e espaço muito particular à sua conceitualização de mundo”.

Assim, a imagem de um rio pode estar na água da poesia... no contato íntimo do poeta com o rio, que alimenta a sua imaginação criadora. O rio “é mesmo um eterno canal de **convergência** de múltiplas confluências... e **encontro** de amor e poesia” (GRATÃO, 2002, p. 48, grifo do autor).

Canção

Carlos Reis

Dedilhei acordes suaves em teu nome,
Na cabana dos nossos amores,
Ouvindo o rio que chorava tua ausência,
Nas margens mansas guardando os sinais de
ardores,
Que lá deixamos e tão bem me lembro.

Foram tardes cheias de paixão e arfares,
Noites límpidas de soluços no ar,
Águas que desciam e se continham para nos
observar,
O cheiro da relva que jamais esquecerei,
Pois trago no corpo seu perfume ainda.

Hoje que não estás,
Pego na viola e componho,
Canções que me saem sem pensar,
Invento tons para te enviar,
Em folhas viçosas que pouso na água e deixo deslizar,
Amanhã quem sabe,
Perto de um rio qualquer as ouvirás?!...
Dlom, dlim, dlam, dlum, dlam, dlim.....

No poema “Canção”, Carlos Reis usa a metáfora do rio que chora a ausência da mulher amada, quando na verdade é o movimento da água que o faz ouvir o barulho do rio. O poeta coloca a água do rio como lágrimas de um choro saudoso pela pessoa amada. O sujeito poético utiliza o rio como imagem do sofrimento que está sentindo pela ausência de quem ama... quem sabe, ela poderá ouvir seus sentimentos, seus lamentos, levados pelo suave deslize das águas de um rio qualquer.

A Água E Os Rios: imagens e imaginário da natureza
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Jorge Chiapetti

Como um poeta sente um rio, podemos descrever as imagens de um rio, sua essência ou sua água, através das suas histórias, seus mistérios, pois tudo num rio se mistura numa vida só. "As visões de rio vão além deste horizonte, pois ele, mesmo estando aqui neste momento, pode conseguir ver desde a sua pequena nascente até a grandiosidade do mar onde deságua, pois, apesar de estar aqui, também está lá, na sua natureza de rio" (ARBUÉS, 1997, p. 34).

IMAGENS E IMAGINÁRIO DO RIO DAS CONTAS NA BAHIA

Essencialmente baiano, o rio das Contas nasce a aproximadamente 1.500 metros de altitude, em planaltos e maciços centrais do estado da Bahia, na majestosa Serra do Tromba (município de Piatã), pertencente às serras da Borda Ocidental da Chapada Diamantina; e navega por vários municípios baianos, percorrendo cerca de 500 quilômetros em direção leste, até a sua foz, no município de Itacaré (localizado no sul da Bahia), quando então, deságua no mar do Oceano Atlântico (CHIAPETTI, 2009). A Figura 1 é uma representação do estado da Bahia com a bacia hidrográfica do rio das Contas.



Figura 1 – Bacia Hidrográfica do rio das Contas, Bahia, 2009.
Fonte: Chiapetti (2009).

O rio das Contas já teve várias denominações desde o início da ocupação do território brasileiro. Os índios que habitavam suas margens, antes da chegada dos europeus, chamavam-no de rio Juciape, que no vocabulário tupi *juci-a-pê* significa “lugar onde a caça bebe água”.

Mas, para o professor baiano Honório Silvestre, que escreveu em 1926 o artigo “O Sul da Bahia”, na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, ele é o rio São Julião, batizado por cronistas espanhóis que acompanhavam as expedições de Vicente Yañez Pinzón e Diego de Lepe às terras desconhecidas da América do Sul, feitas em 1499 e 1500, antes de Pedro Álvares Cabral (há muitas controvérsias quanto à realização destas expedições espanholas à costa oriental da América do Sul).

Nos mapas portugueses da época de 1535, o rio das Contas aparece como rio Santo Agostinho, nome dado por viajantes desconhecidos que navegavam próximos à costa da Terra de Vera Cruz e registraram em mapas a onomástica dos maiores rios que desaguavam no Oceano Atlântico. E, em uma interpretação feita à obra *Diário de Navegação*, de Pero Lopes de Souza, ele também aparece com o nome de rio Santagostinho.

Quanto à origem do seu atual nome: rio de Contas ou das Contas existem várias imagens. Primeira imagem: como era à beira dele que os interessados na mineração do ouro se reuniam para ajustar as suas contas e fazer os respectivos dividendos, o rio naturalmente ficou denominado: rio das Contas, ou seja, os mineradores recebiam seus salários num certo ponto de suas margens (ou acertavam as contas), por isso eles diziam: lá no rio das Contas.

A segunda imagem é que, tal nome lhe foi aplicado devido a se encontrarem no seu leito umas pedras redondas e azuladas, idênticas às que se usavam na Ásia, como dinheiro (versão menos aceita).

E a terceira imagem da origem do topônimo é contada pela história de dois religiosos que, chegados à margem do rio, tinham de transpô-lo para a outra margem, onde viram muitos índios, que pareciam ferozes. Então, um deles disse ao outro, aludindo à possibilidade de serem massacrados: “Hoje, meu irmão, iremos às contas”.

Podemos perceber que essas denominações são reveladoras dos múltiplos sentidos que foram atribuídos ao rio das Contas, tanto que ele é apreendido, invocado ou representado por diversas funções, olhares e imagens, sendo divisor e fixador a partir das relações espaço, tempo e história.

Nós optamos pela denominação RIO DAS CONTAS porque propicia a distinção entre o nome do rio e o nome do município Rio de Contas, localizado próximo a Piatã (município da nascente do rio das Contas), embora sejam usadas as duas denominações, por diversas instituições federais e estaduais, quando se referem a ele.

De acordo com Chiapetti (2009, p. 49), o rio das Contas conecta três biomas ao longo de sua extensão (Figura 2).

- a) Trecho do bioma Cerrado: área da Chapada Diamantina, com 135 km, aproximadamente.
- b) Trecho do bioma Caatinga: área do sertão baiano, com 225 km, aproximadamente.
- c) Trecho do bioma Mata Atlântica: área de floresta, com 125 km, aproximadamente.

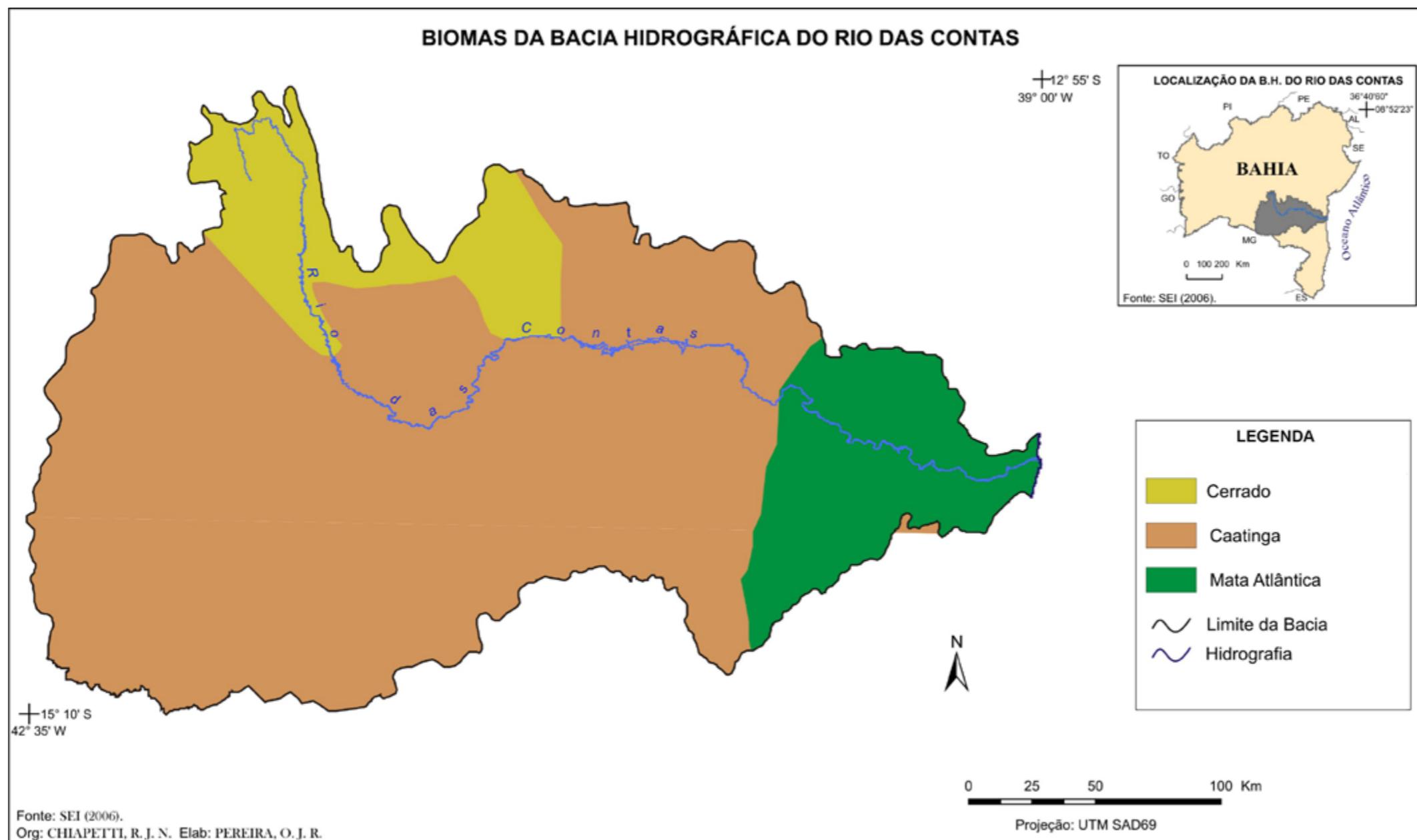


Figura 2 – Biomas banhados pelo rio das Contas na Bahia, 2009.
Fonte: Chiapetti (2009).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que as águas do rio das Contas carregam diferentes culturas em seu percurso, principalmente porque são drenadas em três diferentes biomas dentro do estado da Bahia, com pessoas culturalmente diferentes, a exemplo do sertanejo e do litorâneo. As pessoas que moram no sertão (talvez) tenham uma relação muito mais íntima e necessária com o rio, do que aquelas que têm água em abundância, dentro da Mata Atlântica. “Na relação que o sertanejo estabelece com o rio existe toda uma relação de trocas de sobrevivência, entre as várias pessoas e o rio, na maneira de senti-lo e vivenciá-lo: numa geografia da percepção das águas” (OLIVEIRA, 2009, p. 46).

As imagens, representadas nas paisagens ao longo das margens do rio das Contas (da nascente à foz), mostram a sua história ou, como as pessoas estão organizando/habitando o espaço do rio em seus três biomas, produzindo diferentes paisagens sobrepostas ao longo do tempo, carregadas de imagens, símbolos, significados, marcas visíveis e ocultas. Entretanto, “[...] o espaço do Rio é também a fluidez da água, o cheiro da brisa do mar, o som do vento e da marola e o sabor do peixe” (LESSA, 2007, p. 96).

Nós podemos desvendar as paisagens do rio das Contas com a nossa experiência e imaginação, pois como escreve Gratão (2007a, p. 103), um rio pode ser “apreendido pelo olhar, pelo sentido, sensações, no que é ‘visível’ no ‘não visível’; no deslocamento... no movimento... na cor... no cheiro... nos sons & tons... ‘O Rio’ evocando sentimentos, emoções, lembranças, evocando o espírito do lugar...”.

O rio das Contas teve e ainda tem muita importância para a ocupação humana de toda sua bacia hidrográfica. Já serviu e ainda serve de estrada ou caminho; serve para alimentar muitas famílias; serve para o gasto doméstico dessas famílias; serve como local de trabalho para marisqueiras, lavadeiras, pescadores, etc.; serve para irrigar lavouras;

serve para a criação de gado; serve de berçário para muitas espécies de peixes e mariscos; serve para a prática de esporte de aventura; serve para refrescar; serve para levar e trazer notícias boas e ruins; serve para propiciar paisagens deslumbrantes... serve para embalar sonhos... serve para contar estórias... serve para fonte de inspiração poética... enfim...

O rio das Contas foi e ainda é um elemento organizador do espaço social na área da sua bacia... foi fixador de fazendas ao longo do seu vale, que se transformariam, mais tarde, em vilas e cidades. Da mesma forma, ao longo de seu leito implantaram-se municípios e organizaram-se atividades humanas. Ele promoveu e promove o encontro de culturas, banhando 63 municípios em toda sua bacia hidrográfica, mas somente nove cidades são banhadas/conectadas pelas suas águas (Figura 3).

No trecho da cidade de Jequié (a maior delas) e a jusante, o rio das Contas já se encontra com certo grau de poluição. Observa-se uma série de impactos na qualidade da sua água, resultante do processo de lançamento de rejeitos sólidos, além da presença eminente de esgotos domésticos não tratados.

Como exemplo, a imaginação criadora da autora do poema *De costas para o rio*, escrito por uma moradora da cidade, diz tudo. A impressão que se tem é que os moradores de Jequié não comungam com o pensamento de navegarem juntos com o rio das Contas, pois soltaram as mãos e distanciaram-se dele, usando-o de maneira errada, poluindo-o!

De costas para o rio
Val Rodrigues

Uma cidade de cara para o sol e costas para o rio,
berço legítimo de governantes ausentes,



Figura 3 - Municípios com suas áreas urbanas localizadas nas margens do rio das Contas, BA, 2009.

Fonte: Chiapetti (2009).

banhada por um rio esquecido,
triste e sozinho sem embarcações e pescadores.

A bola não rola mais nas tardes molhadas do areão.
Não faz bem banhar-se nas águas desse rio,
não há mais peixes nem água limpa.
Um caldo podre e fétido dos fundos dos quintais escorre e
espalha.

Há de chegar o dia
da cidade prestar contas ao rio.

Com tuas águas retidas por uma represa de pedra
te vejo hoje fio de contas, riacho de lodo,
veio exposto de uma cidade seca
a céu aberto espelhando o sol.

Um rio não escolhe a aldeia
para traçar o seu curso.
Ela, a aldeia, se forma à sua margem
e deve se orgulhar disso.

À borda da mata, refúgio feliz de um inconfidente,
nasce o torrão de uma gente pacata e bruta,
cujo rio faz parte da história
e, ofendido, presta contas ao mar.

A imagem deste poema é uma representação da vida que se construiu no espaço geográfico do rio, em Jequié. Ela é fonte e leitura de um mundo que existiu no passado e no presente não existe mais. É como se o rio das Contas vivo, de alguma maneira, sentisse a cidade lhe comendo e, aos poucos, transformando-se e transformando-o em um pequeno rio poluído. “Há de chegar o dia da cidade prestar contas ao rio” (RODRIGUES, 2006)! Mas, como todo rio, ele continua seu percurso e mesmo triste chegará ao seu destino... O poema traduz o sentimento da autora pelo seu rio, pelo rio da sua cidade, a qual não

tem o mesmo sentimento pelo seu rio! É a imagem de um rio em sofrimento!

Com esta imagem, “podemos refletir sobre a personalidade do rio [das Contas] em Jequié e das pessoas que vivenciam diariamente a realidade em suas margens. Será que como o rio, elas vivem entre pedras, a procura do seu destino!? E, depois da última corredeira, deslizam, suavemente, até o encontro com o mar!?” (CHIAPETTI; GRATÃO, 2010, p. 284).

Dentro do bioma Mata Atlântica, o rio das Contas tem o maior número de cidades localizadas em suas margens e mais uma usina hidrelétrica (a Usina de Pedras localiza-se em Jequié), a Usina do Funil, em Ubaitaba. Neste trecho, as margens desse rio são marcadas pela imagem de Comunidades Rurais dos Remanescentes dos Quilombos e, também, pelas fazendas cacauceiras, da antiga chamada “Região Cacauceira da Bahia”.

Com a queda dos preços da amêndoa do cacau, a Região Cacauceira viveu um período de falência econômica até meados de 1990, quando o turismo começou a descobrir os encantos naturais da região. Desde então e, principalmente, na última década, o município de Itacaré (último percurso do rio) vem despontando no cenário turístico nacional, pela beleza de suas paisagens de mata e mar, mas também, pela presença do rio das Contas, que parece ter sido desenhado/colocado cuidadosamente sobre uma montanha rochosa.

No trecho em que o rio margeia o distrito de Taboquinhas (localizado a montante da cidade de Itacaré), suas águas, há milhares de anos, passando sobre a rocha, escavaram uma fresta com cerca de 15 quilômetros de extensão e um estreito com 4 metros de largura (cânion), além de corredeiras, que com suas águas turbulentas transformaram o rio em raias para a prática de esportes de aventura,

A Água E Os Rios: imagens e imaginário da natureza
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Jorge Chiapetti

como o *rafting*, paisagens muito procuradas pelos apaixonados por esportes praticados na água. É a imagem turística desvelada no rio.

A paisagem neste lugar é muito parecida com a Chapada Diamantina, até o tipo de rocha é igual! O que a diferencia é a presença de floresta conservada nas margens do rio, a presença de flores nativas do bioma Mata Atlântica, e o próprio rio das Contas, que antes de cair em forma de cachoeira, de passar pelo cânion e pela última queda-d'água, forma praias de areia muito clara, onde a população local e os turistas deliciam-se.

Mas, como não mostrar as imagens de lavadeiras e pescadores desse rio? Essas belas imagens se tornam inesquecíveis para aqueles que visitam o lugar! Como escreve Oliveira (2009, p. 46), "o que significa, por exemplo, o rio da lavadeira, que quer beira com água limpa e pedra? O [rio] do pescador, que prefere as corredeiras? [...] E, assim, o rio e os diversos lugares do rio são diversamente representados na vida do seu povo".

Para Chiapetti e Gratão (2010, p. 286), essas imagens mostram uma realidade do rio, já que essas pessoas "se identificam com o rio numa relação de afetividade, pois este elemento geográfico, sempre presente na paisagem do lugar, faz parte da sua condição humana, do seu modo de viver... da sua experiência... vivência... Uma geograficidade!"

Citando Gratão (2002, p. 15):

São paisagens... descritas e interiorizadas em sentimentos, numa introspecção de lugares, registrando intimidades e resguardando percepções e experiências significativas, desvelando "O Rio" [...] experiências vividas que constroem o conhecimento geográfico do lugar, sua afetividade e suas condutas e, que levam à construção da **Identidade d' "O Rio"** (Grifo do autor).

É neste sentido que as paisagens... as imagens do rio das Contas... envolvem-nos!



Figuras 4 e 5 – Lavadeiras e pescador no rio das Contas, Itacaré-BA.
Fonte: Chiapetti (2009). Fotos de Sayonara Malta e Rita Jaqueline N. Chiapetti.

Itacaré é o município que mais se destaca no percurso do rio das Contas dentro do bioma Mata Atlântica, principalmente por estar situado no litoral, mas também, pela privilegiada paisagem que oferece. Neste trecho do rio, é a imagem da atividade turística que “tomou conta” de suas águas, para proporcionar alegria àqueles que têm coragem de se lançar sobre seu leito revolto, ao passar pelo cânion e pelas corredeiras ou, mesmo, sobre a tranquilidade da fluidez de suas águas, até o encontro com o oceano. “Nesta riqueza de elementos paisagísticos encontra-se a água – elemento essencial no foco das atividades turísticas – no destino do turista. A água, no mundo todo, tem atraído uma prática turística, cada vez mais desejada e buscada – o turismo de aventura, cultural e religioso” (GRATÃO, 2007b, p. 60).

São muitas as imagens ligadas ao rio das Contas em Itacaré, imagens naufragadas no passado, que são desveladas pelas suas águas límpidas e pelas histórias contadas por moradores antigos. Uma delas é a do famoso navio alemão Humaitá, que servia junto à esquadra brasileira para levar soldados para a Guerra do Paraguai e, em certa ocasião, passava em frente à sua foz, quando o comandante (bêbado), entrou rio adentro, encalhando o navio nos bancos de areia existentes. Os seus restos encontram-se no local até hoje.

Depois de belas imagens, finalmente, o rio das Contas torna-se navegável por aproximadamente 25 quilômetros até o encontro com o mar, deixando para trás um rio vivo e real, que vive suas imagens, suas paisagens, suas histórias... mas que também vive no imaginário das pessoas da Bahia.

Ao olhar a imagem da Figura 6, o coração se acalma e ressurge a certeza de que não é preciso apressar o rio... ele corre sozinho... cumprindo as leis da natureza! Nós interpretamos essa imagem, como um sentimento do rio das Contas, indo... para o mar, tornando-se

oceano! Nesse momento, citando Mello (1987, p. 20), ele “convoca orgulhoso as suas energias para o encontro com o mar Atlântico”.

QUANTO A UM RIO TORNAR-SE OCEANO, O POEMA “RIO E OCEANO” DEMONSTRA O SENTIMENTO DE UM RIO AO DESAGUAR NO MAR E TORNAR-SE OCEANO.

O autor-poeta usa a imagem do percurso de um rio, ou a vida de um rio, ou o seu imaginário, para refletir (talvez) sobre a vida ou sobre a sua vida, ou melhor, sobre sua morte ou, ainda, seu medo de morrer. Mas, a morte significa desaparecimento ou renascimento?

Como um rio, entrar no mar significa virar oceano, não há outra maneira de voltar, senão pelas águas do oceano! Então, é preciso morrer para nascer novamente... ou renascer... ou, ainda, segundo Bachelard (2002, p. 28), a morte da água é uma constante, pois no seu constante movimento, “cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal”.

Rio e oceano

Autor desconhecido

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano, ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada: os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê a sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece, porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano. Por um lado, é desaparecimento e por outro lado é renascimento [...].

A Água E Os Rios: imagens e imaginário da natureza
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Jorge Chiapetti



Figura 6 – Trecho navegável do rio das Contas em Itacaré-BA, 2009.
Fonte: Chiapetti (2009). Foto de Sayonara Malta.

Assim, o rio das Contas, em sua morte horizontal, desaparece no mar do Oceano Atlântico, em Itacaré, e renasce na serra do Tromba, em Piatã... cumprindo sempre o seu destino!

NOSSO IMAGINÁRIO SOBRE O DESTINO DE UM RIO...

A água... a água de rios... e os próprios rios... produzem imagens em nosso imaginário. Imagens de vida, de sobrevivência, de pureza, de beleza, de alegria, de tristeza, de movimento, de tranquilidade, de encantamento da alma, de inspiração, de morte, enfim... Neste texto ligamos essas imagens da água como pureza, como vida, às imagens reais e ocultas das águas dos rios... portanto, aos rios e, por conseguinte, ao imaginário da natureza.

O rio das Contas é a imagem de um rio vivo, que está vivo para quem o vive, seja através de imagens reais das suas águas e margens, seja através da imaginação. Nós refletimos sobre estas imagens, pelas águas do seu leito e pelas suas margens, cheias de vida... imagens da realidade!

Nosso imaginário sobre o rio iniciou-se com imagens da sua nomenclatura... passou pelo seu percurso nos três biomas da Bahia... depois viajou pela ocupação humana das suas margens... e, finalmente, nosso imaginário confundiu-se com o imaginário de poetas, que poetizam através das imagens das suas águas... um imaginário da natureza!

Mas, também, colocamos imagens reais das águas e das margens desse rio, de Jequié a Itacaré... imagens imaginadas pelo nosso imaginário. Tudo isso, com imagens que envolvem o cotidiano de quem experiencia o rio. Sabemos que, como todo rio, o rio das Contas

tem diversas imagens, mas a certeza da sua última imagem é chegar ao seu destino... o mar do Oceano Atlântico! ☉

Referências

ARBUÉS, D. **Rio e serra**. Goiânia: Kelps, 1997. 153 p.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. (Tradução: Antônio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 2002. 202 p. (Coleção Tópicos).

_____. **A poética do espaço**. (Tradução: Antônio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 2005. 242 p. (Coleção Tópicos).

BERTOLOTO, J. S. **Iconografia das águas**: o rio e suas imagens. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato: Cathedral Publicações, 2006. 167 p.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 21. ed. (Tradução: Vera da Costa e Silva et al.). Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. 996 p.

CHIAPETTI, R. J. N. **Na beleza do lugar, o rio das contas indo... ao mar**. 2009. 216 f. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2009.

CHIAPETTI, R. J. N.; GRATÃO, L. H. B. A poética n'as curvas do rio: a imaginação geográfica no rio Cachoeira. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 275-289, maio/ago. 2010.

A Água E Os Rios: imagens e imaginário da natureza
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Jorge Chiapetti

CUNHA, L. H. de O. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec; USP: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 2000.

GANDARA, G. S. **Paravaçu!** Rio Grande dos Tapuias! Velho Monge... rio lendário. Disponível em: <www.fchf.ufg.br/historia/Artigo-PARAVACURev-Edson-UFG.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2007.

GRATÃO, L. H. B. **A Poética d' "Rio" – Araguaia!** De cheias... E... Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2002. 354 f. Tese. (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. (À) Luz da imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA! **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 89-120, jan./jun. 2007a.

_____. A água no fluxo do turismo – do elemento essencial ao destino do turista... convite ao lazer, prazer, ócio, hierofonia, sonhos e imaginação! In: SEABRA, Giovanni. **Turismo de base local:** identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007b. 356 p.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia, 1972. 439 p.

LESSA, G. **No baixo São Francisco:** a viagem do redescobrimto – do espaço ao lugar. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2007.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. (Tradução: Jefferson Luiz Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1999. 227 p.

MELLO, T. de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. 112 p.

OLIVEIRA, J. A. de. **Ciclos de águas e vidas:** o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco. 2009. 143 f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009.

RAMOS, C. de M. de A. Thiago de Mello: um rio de água-vida. **Terra das águas:** revista de estudos amazônicos, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 137-149, jul./dez. 1999.

REBOUÇAS, A. C. Água doce no mundo e no Brasil. In: REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B. E.; TUNDISI, J. G. (Orgs.). **Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

REIS, C. **Canção**. Disponível em: <http://riscosescritos.blogs.sapo.pt/arquivo/2006_07.html> Acesso em: jul. 2006.

RIO e oceano. Disponível em: <<http://www.oshobrasil.com.br>>. Acesso em: set. 2006.

RODRIGUES, V. **Extra:** a revista de Jequié, ano 2, n. 9, maio 2006, p. 3.

SISCAR, M. O que é o rio. **Metade da arte**. [S.l.]: Cosac & Naify; Viveiros de Castro Editora. [s.d.]. 176 p. (Coleção Às de Colete).

SOUZA NETO, M. F. de. Três rios. Três regiões. Três poetas. **GEOUSP**, São Paulo, n. 1, p. 57-64, 1997.

A Água E Os Rios: imagens e imaginário da natureza
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Jorge Chiapetti

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução: Lívia de Oliveira). São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1980. 288 p.

Submetido em Fevereiro de 2011.
Revisado em Julho de 2011.
Aceito em Agosto de 2011.